

Entrevista exclusiva

UBE prefere 'convencimento intelectual' a 'vedetismo'

'O governo vai tirar o seu time de campo para deixar os empresários trabalhar'

MARCELO BERABA
Diretor do Sucursal do Rio

A retórica demolidora do presidente da União Democrática Ruralista (UDR), Ronaldo Caiado, tem mais um crítico, além do presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Amato: o coordenador da União Brasileira de Empresários (UBE), Antônio de Oliveira Santos, 60, também presidente da Confederação Nacional do Comércio (CNC). Aos comícios, manifestações de ruas e ruidosos leilões que associam a ação da UDR ao poderio dos tratores e ceifadoras, a UBE diz que prefere o caminho do "convencimento intelectual" dos parlamentares constituintes.

Fundada em junho de 1986 e depois de mais de um ano de inatividade, a UBE foi reanimada há uma semana com dois objetivos imediatos: unificar a ação política dos empresários divididos em várias entidades nacionais, e tentar reverter, no plenário do Congresso constituinte, a tendência estatizante consagrada em vários artigos do projeto de Constituição que está sendo votado pela Comissão de Sistematização. Além da Comissão, os empresários brasileiros têm hoje, segundo Antônio de Oliveira Santos, um outro grande problema: a intervenção desestimuladora do governo federal na economia nacional.

Desde o dia 5, quando a UBE ressurgiu, em Brasília, na cerimônia de posse do seu Conselho Consultivo, a sede da CNC, no centro do Rio, transformada em sede provisória da entidade, virou ponto de encontro obrigatório dos empresários e grandes executivos. Na noite de quinta-feira, quando concedeu esta entrevista exclusiva, o presidente da UBE recebeu a direção da Shell do Brasil atingida pela resolução da Comissão de Sistematização que aprovou a nacionalização da distribuição dos derivados do petróleo—, o ex-ministro da Fazenda (governo Figueiredo) Ernane Galvães, o presidente da Federação das Indústrias do Rio, Arthur João Donato, o presidente do Conselho de Administração da Companhia Internacional de Seguros, Leonídio Ribeiro Filho e o presidente da Montreal Empreendimentos, Sérgio Quintela.

Para recuperar o período em que



O empresário Antônio Oliveira Santos, presidente da União Brasileira de Empresários (UBE), durante entrevista exclusiva concedida à Folha

esteve praticamente paralisada, a UBE criou um Conselho Consultivo com 72 empresários que representam juntos todo o espectro da economia nacional, inclusive com representações por regiões, e que somam a parcela mais significativa do PIB produzido pelas empresas privadas. O porta-voz deste Conselho é Antônio Ermírio de Moraes, presidente das Indústrias Votorantin, maior grupo privado nacional e lançado candidato à Presidência da República durante a posse do Conselho.

A UBE é dirigida por um colegiado formado pelas cinco confederações nacionais patronais (do Comércio, Indústria, Agricultura, Transportes Terrestres e Instituições Financeiras) e pela Confederação das Associações Comerciais do Brasil. Não há presidente, mas um coordenador, substituído anualmente. O primeiro foi o presidente da CNI, senador Albano Franco (PMDB-SE). Estão

associadas à UBE 91 entidades empresariais, além das confederações, e cada uma contribui anualmente com doze salários mínimos. Para o grande público, a face mais visível da UBE até agora é a campanha contra a estabilidade que está sendo veiculada nas televisões com o ator Stênio Garcia como protagonista. Segundo a UBE, a verba para a campanha saiu do orçamento da CNI, mas não foi revelada. Antônio de Oliveira Santos disse que a repercussão da campanha foi positiva mas a entidade não pretende fazer novas campanhas.

Folha — A Comissão de Sistematização aprovou terça-feira mais um artigo — o que prevê a nacionalização da distribuição de derivados do petróleo — que vai contra o princípio da livre iniciativa pregado pela UBE. Mais uma vez, os empresários votaram divididos. O que está acontecendo com os empresários que

não conseguem se coordenar e agir sem divisões no Congresso constituinte?

Antônio de Oliveira Santos — Em primeiro lugar, os empresários estão sem experiência de atividades políticas porque, na realidade, passamos um período muito longo sem praticar o exercício político da democracia plena. Durante muito tempo, os assuntos de interesse dos empresários era resolvidos em conselhos. Hoje, estamos diante de ser escrita uma nova Constituição no país e os empresários têm de procurar levar a estes constituintes os seus pontos de vista. Foi até bastante oportuna a criação da União Brasileira de Empresários, o fórum que reúne os empresários de diversos setores da economia para que aqueles assuntos que sejam de consenso, de interesses dos empresários, sejam defendidos através de uma linha una, através da União Brasileira de Empresários.

Folha — A UBE ainda não conseguiu, no entanto, esta unificação.

Santos — Não. A UBE está se estruturando agora, a partir da posse do seu Conselho Consultivo (5 de novembro), mas ela já se reúne procurando unificar pontos de vista para levar para a Assembleia Nacional Constituinte da forma que os empresários entendem que deva ser levado, ou seja, através da exposição da argumentação dos empresários, na defesa dos pontos de vistas dos empresários, para tentar criar dentro da Assembleia Nacional Constituinte um entendimento, uma aceitação dos pontos que fazem a nossa filosofia. Os empresários acham que somente através da negociação, da conversa, do convencimento intelectual é que podem conseguir que a Constituição interprete seus objetivos, as suas preocupações e tenham oportunidade de redigir uma Constituição que atenda a este capitalismo moderno que nós defendemos, respeitando o direito de propriedade, a livre iniciativa, a capacidade de

competição aberta, a economia de mercado para que possamos ter realmente um padrão de vida melhor no país.

Folha — Dentro deste ponto de vista, o que está sendo aprovado pela Comissão de Sistematização frustra os empresários?

Santos — O que a Comissão de Sistematização já aprovou em vários capítulos está nos frustrando. Mas temos muita certeza de que o plenário da Constituinte não pensa da mesma forma que esta Comissão de Sistematização. Acreditamos que o plenário de 559 tenha uma filosofia de vida muito parecida com a nossa.

Folha — O que a UBE pretende fazer para mudar os resultados das votações no plenário do Congresso constituinte?

Santos — Em primeiro lugar, temos que afirmar que temos absoluta convicção e consciência de que só através deste plenário da Constituinte poderemos obter os meios necessários para ter uma economia de mercado como defendemos e uma democracia social, um capitalismo moderno. Só através destes homens. Não existe outro processo. E através destes homens, só existe um caminho, que é o de mostrar a voz da razão, a inteligência da argumentação. E eu digo isto porque muitas pessoas acreditam que possam ter outros tipos de convencimento com o qual não concordamos.

Folha — O método de persuasão que o senhor prega é incompatível com os métodos que outras entidades estão usando, como a UDR, como grandes mobilizações e comícios?

Santos — Nós não pretendemos fazer isto. Sem que isto signifique crítica. Cada um tem a sua forma de agir. A UBE tem uma forma bastante mais tranquila de defender pontos de vistas. Nós temos tanta convicção de que os nossos pontos de vista são melhores para a sociedade brasileira — e não apenas para os empresários.

mas para os empregados, donas de casa, homens de imprensa — que achamos que não tem necessidade de movimentos de rua, de campanhas caras, nada disto.

Folha — E a campanha contra a estabilidade na televisão?

Santos — A única coisa que houve, e não vai ter mais, foi uma pequena campanha pela estabilidade, que era para sentir o ponto de vista da sociedade brasileira.

Folha — Vão haver novas campanhas na televisão ou é um recurso descartado?

Santos — Não, não, eu não acredito que haja necessidade de nenhuma campanha de televisão. Aquela foi uma campanha de meia dúzia de minutos, tão somente para sentir a reação ao problema da estabilidade. E foi altamente positiva neste sentido. O objetivo da campanha não foi mudar o ponto de vista de ninguém, mas sentir qual a opinião nacional em relação à estabilidade. A campanha que pretendemos fazer é a defesa da nossa filosofia diante dos homens que vão votar a nova Carta, através simplesmente de convencimento, de argumentação.

Folha — O senhor endossaria as críticas que a Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp) faz ao líder da UDR, Ronaldo Caiado, e ao deputado Guilherme Afif (PL-SP), de que os dois "têm necessidade de jogar para o público, sacrificando uma ação eficaz para ter seu momento de glória?"

Santos — É, eu não acho necessidade, no nosso caso da UBE, absolutamente nós não temos qualquer interesse em vedetismo. Não temos nenhum interesse de ir para as ruas, de apresentar, de criar figuras, não. Nosso interesse, neste momento, é levar para os 559 brasileiros que estão lá para redigir a Carta o nosso ponto de vista, o porquê desta filosofia que nós temos.

Folha — Economia em crise, o governo Sarney politicamente isolado. Como os empresários analisam a conjuntura do país, neste momento?

Santos — Em primeiro lugar, estamos vivendo um clima de perplexidade, de insegurança, de incerteza muito grande de todo o empresariado. Os investimentos praticamente caíram a zero. Os empresários não estão vendo razões no momento para investir e aumentar os seus negócios até que se defina determinadas posturas sejam do governo, sejam do próprio Congresso.

O nosso governo tem tido, ao longo dos últimos meses e mesmo dos últimos anos, um comportamento que tem desestimulado o espírito de confiança do empresariado com uma política transparente, clara, definida. Os dois choques, o congelamento de preço, a forma como foi feito o primeiro congelamento, a maneira até violenta com que o governo através da Polícia Federal e dos órgãos de fiscalização agrediu o empresário do comércio, isto tudo criou um clima de expectativa. Estamos vivendo hoje um problema de controle de preços que está sendo aliviado, não resta dúvida; mas o governo ainda está sendo muito presente através de regulamentações em todas as atividades empresariais. E quanto mais presente o governo, menos confiança nós temos no sucesso da economia. Mas nós acreditamos que isto seja passageiro. Nós acreditamos que o governo vá tirar o seu time de campo para deixar o empresário trabalhar. Nós acreditamos que possamos ter mais liberdade, sem o que este país não será economicamente, não vou dizer viável, mas pelo menos eficiente.

Folha — O sr. localiza então os dois problemas hoje sob o ponto de vista dos empresários: a ação do governo e a ação da Comissão de Sistematização.

Santos — Sim, sendo que o problema principal é o desenrolar dos trabalhos dentro da Constituinte. A UBE pensa radicalmente diferente, pensa o contrário do que a Sistematização está dizendo. Mas temos confiança de que a maioria dos 559 pensam como nós.

Folha — O sr. tem uma visão de futuro otimista.

Santos — Favorável à defesa dos nossos princípios. Até porque a alternativa seria o desastre.

Folha — E o que seria alternativa? O governador Moreira Franco disse esta semana que fora da soberania da Constituinte só existe a força das armas. É a isto que o sr. se refere?

Santos — Entendo perfeitamente. Como político, o governador deve colocar desta forma. Porque fora da Constituinte, é fora da lei. Fora da lei, é o golpe. E quem pode dar golpe neste país? As Forças Armadas. Fora da Constituinte, é o quartel novamente tomando conta do país. Mas eu digo isto: tenho uma visão otimista de que o plenário da Constituinte vai representar o pensamento do empresariado nacional. Nós estamos defendendo uma filosofia de vida. A UBE, os empresários, nunca pediram impostos menores, empréstimos subsidiados, reserva de mercado, nós não queremos facilidades comerciais, empresariais, negativo. A UBE está defendendo uma filosofia de vida baseada na livre iniciativa, direito de propriedade, economia de mercado.

Folha — A UBE defende eleições em 88?

Santos — A UBE não entra nesta área, até porque seria uma área que cada empresário tem seu ponto de vista.

Folha — E nem adota o lançamento do empresário Antônio Ermírio de Moraes para presidente da República, feito em Brasília na posse da nova direção da UBE?

Santos — Não, nada. Antônio Ermírio é um companheiro nosso, é o porta-voz do Conselho Consultivo da UBE, mas se é candidato ou não, a mim nunca preocupou. Mas é um grande nome, sem dúvida.